

A LUTA ANTIRRACISTA DE ABDIAS NASCIMENTO A PARTIR DO
JORNAL QUILOMBO (1948-1950): REFLEXÕES SOBRE O MOVIMENTO
NEGRO E EDUCAÇÃO

THE ANTI-RACIST STRUGGLE OF ABDIAS NASCIMENTO FROM
QUILOMBO NEWSPAPER (1948-1950): REFLECTIONS ON THE BLACK
MOVEMENT AND EDUCATION

Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho

Universidade Federal do Mato Grosso

joselene.carvalho@ufmt.br

Resumo:

Este texto tem como objetivo destacar reflexões acerca da luta antirracista do movimento negro brasileiro, tendo a figura de Abdias Nascimento como um importante expoente. A principal fonte deste artigo é o jornal “Quilombo” que circulou nacionalmente e internacionalmente entre os anos de 1948 e 1950. Dessa forma, discutimos como Abdias Nascimento, diretor do jornal, desenvolveu uma teoria de ação social denominada como “Quilombismo” que se relacionava com a ideia do panafricanismo em que valorizava a história e a cultura africana. Além disso, a educação foi vista como um dos elementos cruciais para o combate ao racismo na sociedade brasileira pelo movimento negro. Portanto, discutimos como esse tema aparece nas dez edições do jornal, de modo a compreendermos que conquistas atuais como a lei 10639/03 são resultados de reivindicações e luta do movimento negro brasileiro.

Palavras-Chave: Jornal Quilombo; Abdias Nascimento; Movimento Negro; Educação.

Abstract

This text aims to highlight reflections about the anti-racist struggle of the Brazilian black movement, with the figure of Abdias Nascimento as an important exponent. The main source of this article is the newspaper “Quilombo” that circulated nationally and internationally between the years 1948 and 1950. In this way, we discuss how Abdias Nascimento, director of the newspaper, developed a theory of social action called “Quilombismo” that was related to with the idea of panafricanism in which he valued African history and culture. In addition, education was seen as one of the crucial elements for combating racism in Brazilian society by the black movement. Therefore, we discuss how this theme appears in the ten editions of the newspaper, in order to understand that current achievements such as law 10639/03 are the results of claims and struggles of the Brazilian black movement.

Keywords: Quilombo Newspaper; Abdias Nascimento; Black Movement; Education.

1. Apresentação

Em 2023 comemoramos 20 anos da lei 10639/03 em que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história da África e da cultura afro-brasileira. Ao contrário de outras leis que surgiram em um modelo verticalizado, essa foi objeto de anseio e luta secular do movimento negro no Brasil. “Ao longo do século XX, diferentes iniciativas foram tomadas, pelo Movimento Negro, a fim de fortalecer negros e negras, por meio inclusive dos currículos escolares” (SILVA, 2016: p. 11). Dentre estes objetos de luta, a imprensa tornou-se crucial.

Deste modo, mais do que uma fonte que diz respeito ao passado, entendemos que o jornal “Quilombo” pode ser utilizado como ferramenta metodológica para discutir a presença da população negra na História do Brasil. As denúncias, as notícias, os textos elaborados pelos autores e leitores do jornal, corrompem o silêncio do qual inúmeras vezes encontramos na História acerca da população negra.

A principal fonte deste artigo trata-se do jornal “Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro”, organizado por Abdias Nascimento¹ e demais militantes do movimento negro brasileiro que esteve em circulação entre os anos de 1948 e 1950. Os periódicos pesquisados foram consultados de maneira digital através do site do Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) no item “Acervo digital”, “TEN- publicações”, “Jornal-Quilombo”². As dez edições do jornal totalizam cem páginas. No entanto, optamos por um recorte temático envolvendo a luta pela educação de um dos principais intelectuais do movimento negro brasileiro: Abdias Nascimento.

Este texto está dividido em três partes: no primeiro momento, apresentamos um resumo sobre a vida e a trajetória de luta de Abdias Nascimento. Sendo importante destacar que, este intelectual foi incansável por uma sociedade antirracista, ocupando desde espaços formais e informais na política. Assim, não será possível apresentar todos os marcos de sua trajetória, nos dedicaremos em expor brevemente o contexto anterior e durante a circulação do jornal no final da década de 1940 e início de 1950.

¹ É possível encontrar a grafia do sobrenome de Abdias de dois modos: “do Nascimento” ou apenas “Nascimento”. Seu nome em registro era Abdias do Nascimento, mas o autor preferia ser chamado de “Abdias Nascimento”. Dessa forma, em respeito ao autor, trataremos nesta pesquisa seu nome, como preferia ser chamado.

² Disponível em: <https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-01/> Acesso em: 15 de ago. de 2022.

Na segunda parte, evidenciam-se aspectos gerais sobre o jornal “Quilombo”, destacando informações sobre sua criação e circulação, entendendo-o como importante instrumento de luta do movimento negro no Brasil e compreendendo sua contribuição para aquilo que “se denomina imprensa negra: jornais publicados por negros e elaborados para tratar de suas questões” (DOMINGUES, 2007: p. 102). Além disso, acreditamos que a teoria de ação social – *quilombismo*, cunhada por Abdias Nascimento, desenvolvida principalmente na década de 1980, tem seus primeiros indícios neste periódico.

A terceira e última parte, dedica-se em apresentar elementos presentes no jornal sobre a educação. Autores como Petronilha Silva (2016), Marcus Fonseca (2016), Nilma Lino Gomes (2017) expuseram em suas pesquisas a importância da luta pela educação pública do movimento negro desde o pós-abolição. Assim, defendemos a hipótese de que o jornal “Quilombo” pode ser compreendido como síntese deste debate.

O objetivo deste texto é identificar como a partir de uma fonte específica, neste caso, o jornal “Quilombo”, podemos compreender a perspectiva teórica e prática panafricanista, elencada por Abdias Nascimento e parte do movimento negro brasileiro, no que tange o recorte da educação. Ademais, neste periódico é possível encontrarmos diversos assuntos tais como: denúncias de casos de racismo, notícias sobre os países africanos, conquistas de pessoas negras no Brasil e no mundo. O “Quilombo” disputava um espaço político e cultural que reivindicava para a população negra o protagonismo de contar suas próprias histórias.

2. Abdias Nascimento

Conforme exposto anteriormente na apresentação, trata-se de uma árdua tarefa discutir em poucas páginas o acontecimento que foi a vida e luta de Abdias Nascimento. Desta forma, optamos por destacar situações de sua trajetória que foram anteriores e durante a criação do jornal “Quilombo”, mas que é necessário pontuar, tem relação intrínseca com todo o processo de sua história, conforme destacou sua companheira Elisa Nascimento (2014: p. 26). “trilhou como senador o mesmo caminho que construía desde a década dos 1920”.

Abdias Nascimento nasceu em 1914 na cidade de Franca, localizada no interior do Estado de São Paulo e faleceu em 2011 no Rio de Janeiro. Os dados de sua trajetória são importantes não apenas porque o localizamos no contexto de luta e conquistas brasileiras, como o caso da lei 10639/03, mas também porque nos possibilita compreender como as experiências

de sujeitos racializados no Brasil, possuem determinadas semelhanças.

Desde sua infância, a partir de suas experiências, Abdias Nascimento havia entendido os dispositivos de racialidade³ para corpos negros no contexto brasileiro. Sobretudo, a partir da realidade vivida e narrada por sua família. Sua mãe, Georgina Nascimento, era cozinheira, doceira e ama de leite. Seu pai, José Nascimento era sapateiro. Sobre as primeiras lembranças envolvendo a educação, Abdias Nascimento recorda que:

Não há dúvidas de que esta situação era uma herança da escravidão, uma relação dúbia que não tinha nada a ver com solidariedade (...) nós, os “negrinhos”, estávamos naquela condição de protegidos das sinhazinhas. Meus irmãos ficavam felizes quando ganhavam presentes; mas eu os recebia com desconfiança, pressentindo um jogo maldoso nessas relações. Assim, eu fui uma exceção entre aqueles sete irmãos, aparentemente bem ajustados na sociedade “branca” brasileira. A outra exceção foi minha irmã que se suicidou, possivelmente porque também não conseguiu se ajustar. (NASCIMENTO, 2014, p. 100)

Ainda sobre estas memórias, Abdias Nascimento relata que havia uma professora que o chamava de “tição” e destaca que não se tratava de uma brincadeira. Ao lembrar dessas histórias, o intelectual discorre acerca da raiva que sentia imediatamente não apenas da professora, mas das outras crianças e dos adultos, que o provocavam com situações de racismo. Assim, desde criança percebia que o ambiente formal de ensino, não era para pessoas de sua cor. Por isso, a frase “é preciso lidar com a vida primeiro e depois aprender a conceituá-la” (NASCIMENTO, 2014: p. 96).

Aos sete anos, Abdias Nascimento passou a frequentar uma escola pública primária em Franca, “aos oito anos ele já trabalhava todas as madrugadas, antes de ir para as aulas, entregando carne e leite nas residências mais abastadas” (NASCIMENTO, 2014: p. 103). As memórias sobre a escola e a presença de sua mãe no ambiente escolar, foram frequentes em seus relatos. Ao mencionar que quando sofria discriminação, chegava em casa e contava para sua mãe, complementa dizendo que ela nunca permitia que isso fosse deixado de lado. Georgina ia até a escola e exigia que houvesse retratação. Abdias Nascimento, relembra que um dia enquanto andava pelas ruas com sua mãe, viu uma mulher branca bater em um de seus amigos, o motivo era a cor de sua pele. Sua mãe, imediatamente entrou na briga para defender a criança, servindo de exemplo para o intelectual. (NASCIMENTO, 2014)

³ Este conceito foi discutido por Sueli Carneiro em sua obra “Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser” (2023). A autora baseia-se nos estudos de Michel Foucault, e discute que na questão racial, o “dispositivo”, trata-se da afirmação das pessoas brancas em contrapartida à negação das pessoas negras. Deste modo, há uma superioridade forjada, em uma relação que se constituiu sobretudo, pela ideia de inferioridade do “outro”.

Essas memórias refletem mais do que os aspectos da infância. Originam a história de uma personalidade em que foi constituída a partir dos laços com sua ancestralidade. Abdias Nascimento não precisava recorrer às máscaras brancas⁴ dentro de sua casa, pois, sua mãe, o ensinara desde muito jovem a ter orgulho de sua cor, evidenciando o papel importante das mulheres negras que foram omitidas ao longo da História. Assim como Abdias Nascimento, outros intelectuais como Luís Gama, destacaram em suas trajetórias a importância de suas mães.

Quando Georgina foi despojada de suas terras, aspecto que não fora incomum principalmente às mulheres negras no período pós-abolição, Abdias Nascimento, entendeu que o melhor era migrar, em busca de melhorias para sua vida e de seus familiares. Aos 16 anos mudou-se para São Paulo. Embora este período marque um momento importante do aprimoramento de suas ideias, foi também quando se distanciou fisicamente de seu lar e teve que lidar com o falecimento de sua mãe.

Na década de 1930, Abdias Nascimento passou a servir o exército. Foi durante esta fase que conheceu pessoas que marcariam sua trajetória, como Sebastião Prata – Grande Otelo; e Plínio Salgado, importante liderança do movimento integralista brasileiro. Momento do qual, ainda hoje é representado como o de maior contradição na vida do intelectual, que declarou “As lutas nacionalistas e anti-imperialistas, a oposição ao capitalismo e à burguesia, foram os temas que me atraíram para as fileiras integralistas” (NASCIMENTO, 2014: p. 130). Em sua biografia, há o destaque de que sua saída definitiva do integralismo, deu-se quando mudou para o Morro da Mangueira e desenvolveu sua religiosidade de matriz africana, mas também ao perceber a discriminação com pessoas negras neste movimento político. (NASCIMENTO, 2014)

Ainda na década de 1930, Abdias Nascimento formou-se em Economia pela Universidade do Rio de Janeiro e participou da Frente Negra Brasileira:

Foi organizador do Congresso Afro-Campineiro, que protestou contra a discriminação racial e discutiu as relações raciais na cidade de Campinas, interior do Estado de São Paulo, em 1938. Participou de movimentos de protesto contra o regime do Estado Novo, o que lhe valeu uma prisão pelo Tribunal de Segurança Nacional. Por resistir à discriminação racial na capital de São Paulo, foi preso na Penitenciária de Carandiru por dois anos. Em 1943, fundou naquela instituição o Teatro do Sentenciado, cujos integrantes, todos prisioneiros, criavam, ensaiavam e apresentavam seus próprios espetáculos teatrais, também ajudou a fundar o jornal dos prisioneiros (IPEAFRO, 2024).

Embora nas décadas de 1940 e 1950 Abdias Nascimento já fosse um expoente

⁴ Menção ao livro “Pele negra, máscaras brancas” de Frantz Fanon (2023).

importante para o movimento negro brasileiro, sua atuação era praticamente inexistente no ambiente universitário. A temática racial, em específico a cultura africana, foi objeto de estudos principalmente da Medicina. Em conjunto com esta área, Gilberto Freyre destacou-se no cenário nacional e internacional com sua obra “Casa Grande e Senzala” de 1933. Segundo Skidmore (1976: p. 210), esta obra “virou de cabeça para baixo a afirmação de ter a miscigenação causado dano irreparável. O pot-pourri étnico do Brasil, dizia Gilberto Freyre, era ao contrário, uma vantagem irreparável”. Diante deste cenário, intensificou as afirmações do mito da democracia racial na sociedade brasileira. Em contrapartida, o movimento negro brasileiro atuava para desmistificar tais crenças.

Os intelectuais do TEN, notadamente o sociólogo Guerreiro Ramos, o ator Aguinaldo Camargo, o crítico literário Ironides Rodrigues e o assistente Sebastião Rodrigues Alves, além de Abdias Nascimento, tinham no jornal “Quilombo” um veículo para divulgar suas atividades que se voltavam à crítica da postura acadêmica dos “estudos sobre o negro. (NASCIMENTO, 2014, p. 185)

Para Abdias Nascimento, o próprio surgimento do Teatro Experimental do Negro – TEN, era um indício de que a democracia racial era uma falácia. Afinal, constituiu-se sobretudo, porque se a população negra quisesse ter acesso à arte, precisava construir seus próprios espaços. Em 13 de outubro de 1944, Abdias Nascimento, Rodrigues Alves, Aguinaldo Camargo, José Herbel, Theodorico dos Santos e Wilson Tibério, fundaram o TEN, que em síntese pode ser compreendido “o TEN foi a primeira organização do movimento afro-brasileiro a ligar, na teoria e na prática, a atuação política com a afirmação e a valorização da cultura brasileira de origem africana: a perspectiva da negritude” (NASCIMENTO, 2014: p. 152). Em 1945 e 1946, o TEN promoveu dentre as tantas atividades a “Convenção Nacional do Negro”. Não podemos esquecer que “dessa convenção se originaram propostas para a Assembleia Nacional Constituinte de 1946, para inclusão de políticas públicas que beneficiassem a população afrodescendente e de um dispositivo que tornasse crime de lesa-pátria a discriminação racial” (NASCIMENTO, 2014, p. 12). Desta maneira, fica evidente que o TEN era um espaço de construção política, cultural e social da população negra na sociedade brasileira.

“Além de escritor, poeta e teatrólogo, Abdias desenvolveu uma carreira internacional como artista plástico (...) converteu-se então em um intelectual do eixo afro atlântico” (GOMES, LAURIANO, SCHWARCZ, 2021: p. 22). Ademais, podemos denominar Abdias Nascimento com a definição de Gramsci (2000) sobre intelectual orgânico, pois, sua luta pela questão racial uniu diversos aspectos, tanto na elaboração das artes plásticas, em sua criação de uma teoria de

ação social *quilombismo*, que será discutido no próximo item deste texto, e em sua atuação política como deputado, fazendo com que ocupasse espaços imprescindíveis no cenário brasileiro. Grosso modo, é possível perceber que mais do que seus textos e sua arte, sua trajetória foi resultado da intrínseca teoria e prática por uma sociedade antirracista.

Assim, podemos destacar que Abdias Nascimento teve uma vida de luta. No entanto, por anos, tornou-se mais conhecido fora do Brasil do que propriamente em seu país. Depois do exílio, ocasionado pela ditadura militar brasileira, ao retornar, suas ideias eram compreendidas como manifestações apenas de cunho político, ou seja, tratava-se de um intelectual que foi colocado à margem de seu tempo. Ainda que, a partir das ideias que originaram o conceito de *quilombismo*, pudéssemos considerar Abdias Nascimento ao lado dos grandes intérpretes sobre a formação do Brasil.

3. O jornal como objeto de luta

O jornal “Quilombo”⁵ organizado por Abdias Nascimento e demais membros do movimento negro no Brasil, esteve em circulação entre os anos de 1948 e 1950 não apenas no Rio de Janeiro – cidade em que era produzido – mas, em outras cidades brasileiras. Para Domingues (2007: p. 105). “esses jornais enfocavam as mais diversas mazelas que afetavam a população negra no âmbito do trabalho, da habitação, da educação e da saúde, tornando-se uma tribuna privilegiada para se pensar em soluções concretas para o problema do racismo na sociedade brasileira”. Ao folhear suas páginas, facilmente percebemos que foi lido também por pessoas de outros países, conforme é possível de se identificar no item “Cartas” em que os leitores escrevem suas experiências com o periódico e destacam o local de onde o acessavam.

O “Quilombo” para além de evidenciar informações sobre a vida da população africana e afro-brasileira, buscava discutir um tipo de sociedade em que a abolição fosse de fato concretizada na vida prática. Na primeira página da primeira edição, o texto que consolida o

⁵ Segundo o historiador Flávio Gomes “No século XVII, a palavra quilombo era também associada aos guerreiros imbangalas (jagas) e seus rituais de iniciação(...) uma explicação seria a disseminação dessas terminologias (mocambos e quilombos) a partir da administração portuguesa. A palavra seria utilizada para caracterizar tanto as estratégias militares – acampamentos – na África pré-colonial como aquelas da resistência à escravidão na América Portuguesa. (...) Assim, mocambos (estruturas para erguer casas) teriam se transformado em quilombos (acampamentos), e tais expressões africanas ganharam traduções atlânticas entre o Brasil e a África desde o século XVI”. (GOMES, 2015, p. 6) É importante destacar que se durante o contexto colonial a palavra “quilombo” representava a resistência à escravidão, atualmente, significa o resistir aos diversos contextos de preconceito racial. Tornou-se um termo difundido pelo movimento negro, como significativo da luta antirracista no Brasil.

surgimento do jornal, é intitulado “Nós”, assinado por Abdias Nascimento e consta o seguinte:

Nosso caso se relaciona com todo o problema que determina o predomínio político de uma raça ou grupo étnico de maior força econômica sobre outro grupo étnico ou raça sem meios. Apesar do tempo que antecedeu a conquista da América quando o Papa Pio II, Silvio Enéas Piccolomini, levantou impedimentos teológicos ao tráfico português de africanos; depois da guerra de secessão nos Estados Unidos motivada pela emancipação dos escravos; após as lutas libertadores de Cuba e Brasil, o problema segue no mesmo pé. Quando já não se pode falar de servidão e submissão militar, querem arrancar ao negro o domínio econômico e político de sua terra, como na África do Sul, tiram-lhe violentamente seus direitos no país que ajudou a formar e construir, como nos Estados Unidos; ou ardilosamente despojam-lhe dos meios psicológicos e mentais que o capacitariam a adquirir a sua consciência de sua verdadeira condição ante uma igualdade social, como no Brasil. (QUILOMBO, 1948, p.1)

Dentre os vários destaques na escrita de Abdias Nascimento é interessante pontuar a relação que faz entre o contexto histórico vivido no Brasil e em outros países, demonstrando que a realidade do povo negro, ainda que carregasse especificidades, se assemelhava ao de outros lugares. Além disso, não podemos esquecer que no campo acadêmico, a tese da democracia racial subsidiada por Gilberto Freyre, ganhava cada vez mais adeptos. A ideia de que havia harmonia entre as raças: europeia, indígena e africana, foi síntese de trabalhos acadêmicos por décadas. Ainda que, como é possível observarmos na primeira edição do jornal (QUILOMBO, 1948) fosse contestada pelo movimento negro brasileiro.

Nas páginas seguintes, não apenas na primeira edição, mas algo que podemos identificar em todas as edições são: entrevistas, informações e notícias da população negra no campo da política, da educação e das artes. Existe uma notória intenção de valorizar a cultura negra, fazendo modificações na maneira como até então era representada, principalmente na mídia hegemônica do período. Além disso, era necessário atribuir às personalidades negras, papéis de destaque. Tal prática era comum para o panafricanismo, modelo do qual Abdias Nascimento vai aprofundar-se principalmente quando esteve no exílio e em contato com outros intelectuais como Aimé Césaire, mas que já executava junto ao movimento negro brasileiro, desde o final da década de 1940, nas páginas deste periódico.

Ao final dos anos 1960, os jovens afro-americanos foram os pioneiros no renascimento de um movimento internacional pela afirmação da identidade africana. Eles não somente assumiam com orgulho as suas origens, inspirando-se, em seu estilo de vida, nas tradições africanas – vestindo túnicas africanas, usando pérolas e braceletes, penteando-se à africana ou adotando nomes africanos, mas, igualmente exigiam que o sistema escolar e universitário assegurasse um ensino sobre os negros (sobre a África e a diáspora). (HARRIS, ZEGHIDOUR, 2010, p. 873)

Podemos encontrar o movimento panafricano em diversas vertentes, tais como:

religiosa, política, educativa, artística, entre outros. Grosso modo, a teoria panafricana pode ser compreendida em duas perspectivas que não se excluem, mas se complementam: i) projeto de libertação; ii) projeto de integração.

Para Barbosa (2015), em 1947, o surgimento da revista *Preséance africaine*, foi o principal órgão de divulgação do pensamento da intelectualidade africana e afrodescendente no pós-guerra. É interessante destacar que Abdias havia criado algo semelhante no Brasil com o jornal “Quilombo” nos finais da década de 1940, o que torna sua ideia original para o período. Ademais, foi convidado pelo diretor da revista francesa a escrever para o periódico, “Senhor Abdias Nascimento: a redação da revista “*Presence Africaine*” ficaria muito honrada em contá-lo entre seus colaboradores permanentes. Queira aceitar senhor, nossas distintas saudações. Ass: J. Schroder-Oriol (redator chefe)”. (QUILOMBO, 1950: p. 2). Desde então, tornou-se comum as correspondências entre ambos os redatores, o que é possível de ser identificado ao longo das edições do jornal.

É interessante destacar que conforme pontuado acima, o panafricanismo se situa em diversas vertentes. No jornal “Quilombo” podemos encontrá-lo em todas as edições, o que contribuiu para nossa percepção de que mais do que uma concepção teórica, apresentava um modelo de sociedade que foi pensado por parte do movimento negro no Brasil.

Para simplificar, citaremos algumas das ocasiões em que podemos identificar o panafricanismo no jornal: na primeira edição, nas páginas 4 e 5 constam as seguintes matérias: “Como se desenrola uma festa de candomblé” (QUILOMBO, 1948) assinada por Edison Carneiro. Nesta reportagem, há a valorização da cultura afro-brasileira a partir desta religião de matriz africana. Há fotografias e explicações do culto de maneira natural e não exótica como parte dos periódicos realizam ainda hoje.

Na segunda edição do jornal consta o item: “Negros da história” (QUILOMBO, 1948) seguido do título “Luiz Gama, Herói e Santo da Abolição” em uma tentativa importante de substituição da princesa Isabel como protagonista e da inserção de personalidades negras como o abolicionista, ao ocupar a primeira página do jornal.

Na terceira edição do jornal: “Concursos da “Rainha das mulatas” (QUILOMBO, 1949) e da “Boneca de pixe” (QUILOMBO, 1949) – essa e demais reportagens sobre concursos de beleza feminina negra serão corriqueiros nas páginas do jornal. Entende-se que embora exista uma vasta literatura que critique a utilização do patriarcado em tais concursos, neste caso, a

principal intenção era a mudança de perspectiva sobre a beleza da mulher negra que costumeiramente não era representada nos meios de comunicação.

Por fim, na última edição do jornal, a reportagem “Prossegue a cruzada para a segunda abolição” (QUILOMBO, 1950) em que retratava o pedido do deputado Afonso Arinos acerca da aprovação da câmara a um projeto de lei que condenava a discriminação racial como crime. Nos destaques citados podemos observar alguns dos exemplos panafricanos no campo religioso, estético e político presentes nas páginas do “Quilombo”. Ademais, há explicações teóricas deste movimento, como no texto produzido por Guerreiro Ramos “Apresentação da negritude” (QUILOMBO, 1950: p.11). Além disso, a própria existência de um periódico que tinha como principal objetivo discutir a questão racial no Brasil é um indício desta teoria.

Quando discutimos o mundo acadêmico da década de 1940 e 1950 nomes como o de Abdias Nascimento, Lélia Gonzalez, Maria Nascimento, Guerreiro Ramos, Décio de Freitas, entre outros, dificilmente aparecem como intelectuais. Conforme visto anteriormente, a centralidade das discussões recaía principalmente no mito da democracia racial. Neste contexto, a criação do jornal “Quilombo” buscava disputar a narrativa acerca da História.

Embora tenha desenvolvido sua teoria de ação social o quilombismo, principalmente após o retorno do exílio na década de 1980, identificamos que as experiências com o jornal “Quilombo” já davam indícios desta construção. Sobre esta teoria:

Precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e de sua respectiva visão de futuro. Esta se apresenta como a tarefa da atual geração afro-brasileira: edificar a ciência histórico-humanista do quilombismo. (NASCIMENTO, 2019, p. 289)

Em aspectos gerais, Abdias Nascimento se inseria na tradição panafricanista em que autores africanos e afro-diaspóricos dedicavam-se em recontar a História do continente africano e da diáspora, evidenciando visões positivas sobre a identidade étnico racial. O **quilombismo** tornou-se uma teoria de ação social, assim como o termo cunhado por Molefi K. Asante denominado **afrocentricidade**⁶.

Uma das características do “Quilombo”, era a de que, interrelacionavam-se assuntos do ambiente acadêmico com demais saberes populares, como religiões de matrizes africanas e

⁶ Destacamos estas teorias pois Abdias e Asante as consolidaram enquanto conviviam, conforme aponta a biografia de Abdias (2014). Dessa forma, entendemos que houve uma influência de ambos os autores em tais termos.

congressos panafricanos. De modo que, para Abdias Nascimento, os saberes não se distinguiam hierarquicamente.

Assegurar a condição humana do povo afro-brasileiro, há tantos séculos tratado e definido de forma humilhante e opressiva, é o fundamento ético do quilombismo. Deve-se assim compreender a subordinação do quilombismo ao conceito que define o ser humano como o seu objeto e sujeito científico, dentro de uma concepção de mundo e de existência na qual a ciência constituiu uma entre outras vias do conhecimento. (NASCIMENTO, 2002, p. 274)

Assim, a ideia de um “letramento racial”⁷ da população negra, em que fosse possível considerar novas epistemologias mas também, novas maneiras de ser e viver no mundo, caracterizavam o periódico pesquisado e será melhor desenvolvido nas décadas finais da vida de Abdias Nascimento quando consolidou a teoria do quilombismo.

Achile Mbembe (2018) se dedicou em discutir como o colonialismo se apropriou e modificou a história da população negra. Para tal reflexão, utilizou-se dos escritos de Frantz Fanon (2023) e definiu que a violência colonial atinge três dimensões que se completam: i) no comportamento cotidiano; ii) na relação com o passado; iii) na relação com o futuro (MBEMBE, 2018, p. 189). Deste modo, faz parte de uma concepção política definir os moldes da história em que “o negro em particular era o exemplo consumado desse ser-outro vigorosamente forjado pelo vazio, e cujo negativo havia penetrado todos os momentos da existência” (MBEMBE, 2018: p. 29-30). Assim, compreendemos que mesmo durante os anos em que esteve vigente (1948-1950) em que havia fortemente a presença de discussões baseadas na concepção de eugenia, o jornal “Quilombo” tornou-se fundamental neste debate ao propor a identidade negra um viés positivo, ou seja, da negritude. Ademais, essa proposta não esteve restrita as páginas deste periódico, alcançando o cenário de luta do movimento negro brasileiro frente às mazelas do racismo estrutural.

4. A educação no “Quilombo”

A educação foi e continua sendo pauta de luta do movimento negro brasileiro por séculos. Em síntese, no período pós-abolição até a consolidação da educação enquanto direito garantido pelo Estado e gratuito na década de 1980, a principal reivindicação era o acesso à educação formal. Em contrapartida, aqueles que conseguiam acessar as escolas, observavam a necessidade de disputa pela memória histórica, ou seja, sobre a maneira que se era contada ou

⁷ Este termo foi traduzido em português pela psicóloga Lia Vaine Schucman e deste então, ocupa parte importante das reflexões de estudos sobre as relações étnico-raciais no cenário brasileiro. O conceito foi criado por France Winddance Twine uma socióloga americana.

omitida, a presença africana e afro-brasileira dos currículos escolares. “Para reverter esse quadro de marginalização no alvorecer da República, os libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial no Brasil” (DOMINGUES, 2007: p. 103).

No entanto, apenas em 2003 tivemos a aprovação de uma lei que tornou obrigatório o estudo da cultura africana e afro-brasileira, o que nos permite refletir que, se o movimento negro estivesse aguardando todos estes anos pela validação da educação antirracista, apenas nos ambientes formais de ensino, muitas das pautas em que é possível considerarmos avanços no contexto brasileiro, provavelmente estariam silenciadas. Portanto, a ideia deste tópico é apresentar como a educação antirracista foi reivindicada, mas também construída ao longo das edições do jornal “Quilombo”.

Embora seja durante o início do século XX que surgirá aquilo que entendemos neste artigo como “movimento negro”, é impossível discuti-lo sem compreender que se trata de uma continuidade deste processo e sendo modificado a partir das especificidades e dos contextos históricos vividos. Assim, concordamos que:

Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o objetivo explícito de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares na sociedade. Trata-se de um movimento que não se reporta de forma romântica à relação entre os negros brasileiros, à ancestralidade africana e ao continente africano da atualidade, mas reconhece os vínculos históricos, políticos e culturais dessa relação, compreendendo-a como integrante da complexa diáspora africana. (GOMES, 2017, p. 23-24)

A busca por uma educação para a população negra e de um currículo que fizesse sentido às suas experiências, marcam a trajetória do movimento negro brasileiro. A seguir, apresentaremos alguns exemplos.

A Frente Negra Brasileira que foi fundada em 1931 em São Paulo e segundo Domingues (2007: p. 106). “foi a mais importante entidade negra do país”. Na primeira metade do século XX, atuava em diversos setores, em específico para este texto, cabe-nos destacar que disponibilizava escola para crianças e cursos de alfabetização para adultos. Além de cursos voltados para o estudo da cultura afro-brasileira. É importante salientar que ao mesmo tempo em que a FNB ocupava este espaço no cenário do país, “em 1934, quando as multidões da Frente Negra Brasileira ocupavam as praças, publicava-se a segunda edição de Raça e assimilação de

Oliveira Vianna” (NASCIMENTO, 2014: p. 94), ou seja, em parte do ambiente acadêmico naturalizava-se a inferioridade da população negra a partir das teorias da eugenia e discutia-se a necessidade de embranquecimento do país. Sendo assim, a FNB e demais associações e clubes negros deste período, tiveram uma importante participação no debate político em que refutavam as concepções que se enraizavam em algumas áreas das ciências.

De 1944 a 1961, o TEN, além dos aspectos culturais de representação da população negra nas peças teatrais, foi um espaço de formação política, cultural e educacional. Conforme mencionado anteriormente, é a partir desta instituição que fora organizado o jornal do qual pesquisamos. “O T.E.N. manteve em salas cedidas pela União Nacional de Estudantes, várias aulas de alfabetização, sob a chefia do professor Ironides Rodrigues. Cerca de seiscentos alunos frequentavam esse curso, interrompido, infelizmente, por falta de um local para funcionar” (QUILOMBO, 1948: p. 7). Essa notícia foi retirada da sétima página da primeira edição do jornal e demonstra pelo menos três pontos que merecem destaque: i) A dedicação do TEN – que como vimos não era exceção no que corresponde ao movimento negro – em oferecer aulas de alfabetização para a população negra; ii) O interesse das pessoas em frequentar essas aulas, pois, a notícia menciona que havia cerca de seiscentos alunos que participavam; iii) As dificuldades encontradas principalmente em relação a infraestrutura para atender as demandas.

Quando fundamos o Teatro do Negro, ficou desde logo estabelecido que o espetáculo, a pura representação era coisa secundária. O principal, para nós, era a educação, o esclarecimento do povo. Pretendíamos dar ocasião aos negros de alfabetizar-se com conhecimentos gerais sobre história, geografia, matemática, línguas, literatura, e assim por diante. (NASCIMENTO, 2014, p. 153)

Ao estudar o movimento negro no Brasil fica evidente que a pauta da educação esteve presente em todos os momentos, acima citamos alguns dos exemplos, que são corriqueiros, seja nas trajetórias individuais ou coletivas. Compreendemos que, assim como o processo de abolição não foi dado, mas conquistado, a educação para a população negra brasileira, esteve na centralidade do debate das lutas deste movimento, pois fora entendida como espaço a ser disputado não apenas para o pertencimento nas escolas e nas universidades, mas sobretudo, por uma reivindicação política, cultural e social do lugar do negro na história da formação do Brasil.

Na quarta página da primeira edição do jornal, havia um item denominado “Tribuna estudantil”, o texto intitulado “Queremos estudar” do aluno Haroldo Costa que é identificado como ex-vice-presidente da Associação Metropolitana de Estudantes Secundários consta o seguinte:

No Brasil não obstante a “ausência oficial” do preconceito de cor, nós os sentimos em diversos setores. É comum, quando se diz que em determinados educandários não é permitido ao jovem de cor se matricular, surgirem os acomodados dizendo enfaticamente: “- A questão é simplesmente econômica. Se o negro tiver dinheiro poderá estudar onde lhe aprouver”. No entanto, a questão verdadeiramente não se reduz a isto. Ai está o Colégio Notre Dame de Sion, que não aceita alunas negras, mesmo que elas se sujeitem a pagar as pesadas mensalidades. No mesmo caso se encontram os colégios Andrews Benett, Santo Inácio, N. S. de Lourdes e tantos outros, para citar apenas estabelecimentos secundários. O mais estranhável é que determinados educandários dirigidos por padres católicos e freiras também se destaquem nessa frente constituída para impedir a formação intelectual da gente de cor. Amai-vos uns aos outros... (QUILOMBO, 1948, p. 4)

Ao pesquisar diversos jornais da imprensa negra Petrônio Domingues (2007) chamou atenção para o aspecto de denúncia que esses periódicos faziam. O caso acima é representativo disso que escreveu o autor, pois, o estudante não apenas menciona que houve caso de racismo nas escolas, mas cita os nomes das instituições. Ademais, antecipa um debate que será fundamental nas discussões das relações étnico-raciais que é a questão de raça e classe. Ao informar que mesmo tendo dinheiro para estudar em um colégio de prestígio da elite, as meninas por serem negras não foram aceitas, apresenta reflexões que hoje denominamos de interseccionais, ou seja, classe, raça, gênero, entre outros fatores, devem ser compreendidos em conjunto, pois, como demonstra a citação acima, não bastava ter dinheiro, se fosse negro ou negra, não poderia frequentar determinados lugares.

Sobre a luta pelo acesso às escolas, Fonseca (2016) realizou pesquisas referentes a presença da população negra nas escolas de Minas Gerais e identificou que em diversos momentos autores como por exemplo, José Antonio Tobias (1972), entre outros, têm entendido como sinônimo as palavras negro e escravizado, pois, ao afirmarem em seus trabalhos que a presença da população negra nas escolas era irrisória, deram atenção apenas para a população negra escravizada, sem levar em consideração os trabalhadores livres, por exemplo. Fonseca (2016) contrapõe-se a essa ideia e discute que em Minas Gerais na década de 1830 havia cerca de 70% de alunos negros que frequentavam as escolas. Além disso, o autor demonstra como havia um esforço tremendo por fazer parte dos espaços formais de ensino, pois, como acentuou Gomes (2017) os estudos eram e ainda são vistos como uma maneira de ascender socialmente na sociedade brasileira em busca de romper com o racismo que insiste em deslegitimar a presença de jovens negros e negras nas escolas e universidades do país.

Na 9ª edição consta “Negro já ensina em universidade branca dos Estados Unidos”, conforme podemos ler abaixo:

A Universidade de Harvard, uma das mais famosas dos Estados Unidos em seus trezentos anos de existência ariana, acaba de aceitar em seu corpo docente, na qualidade de professor clínico de Bacteriologia e Imunologia da sua Faculdade de Medicina ao dr. William Hinton de Boston. É o primeiro catedrático negro que transpõe os umbrais do importante estabelecimento de ensino superior, sendo o Dr. Hinton também famoso por seu teste de sífilis Davis – Hinton. Para as intenções democráticas dos nossos irmãos do norte, essa nomeação vale como um dado precioso, se considerarmos que mesmo no campo da arte, da ciência, e até mesmo no setor da religião, a discriminação racial está presente, separando seres humanos, irmãos e filhos de uma só pátria, num mundo preto e num mundo branco. O nome do Dr. William Hinton passará doravante a significar mais um símbolo – entre os muitos como Booker T. Washington, Washington Carver, William Dubois, Langston Hughes, Paul Robson, Marian Anderson, Joe Lous, Ralph Bunche – da capacidade intelectual do negro, de sua integração na mais alta esfera cultural e científica da hora presente. (QUILOMBO, 1949, p.3)

A citação acima reflete as percepções discutidas anteriormente neste texto em que salientamos a presença do panafricanismo. Demonstrar grandes conquistas em diversas áreas, como por exemplo, da medicina, possibilitava com que os leitores do jornal obtivessem referências positivas sobre a população negra no Brasil e no mundo. Além disso, o Dr. Hinton é apresentado não como uma excepcionalidade, mas como mais um caso de sucesso como outros citados em questão. Du Bois que é mencionado, foi um dos principais defensores do panafricanismo e defendia a educação para as crianças e jovens negros. Em seu célebre livro “As almas do povo negro” (2021) o autor discute a importância de romper com o véu da colonização em que impossibilita com que as pessoas negras se enxerguem como realmente são. Uma das maneiras do rompimento deste véu foi entendido por Abdias Nascimento e demais intelectuais que escreviam no e ao jornal “Quilombo” através da educação – não apenas de um ensino elementar – mas também da oportunidade de acesso e valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Dadas as circunstâncias históricas, sociais e econômicas em que se situavam esses arautos da comunidade negra, o fato de eles conseguirem, contra e apesar de tudo, abrir outro espaço discursivo, distribuir (mesmo que de forma precária) seus próprios órgãos de comunicação, além de criar e manter suas entidades e organizações, caracteriza uma postura de coragem e persistência na afirmação de uma identidade positiva, construída e sustentada a duras penas e confrontando todo o ethos do discurso avalizado pela ciência de seu tempo. Ao enaltecer qualidades e feitos dos heróis negros do passado; ao pleitear o acesso ao ensino e demonstrar que era a negação desse acesso, e não a falta de inteligência, a causa do “atraso” dos negros; ao insuflar, enfim, uma consciência social de coesão e autodefesa à sua comunidade, essa imprensa e as entidades que representava diziam um redondo “não” à ideologia racista que imperava e permeava de forma tão difusa a sociedade brasileira. (NASCIMENTO, 2014, p. 97)

Lima Barreto, por exemplo, aparece com seu romance “Clara dos Anjos” na primeira edição do jornal. A indicação é assinada por Francisco de Assis Barbosa, que na última linha

pontua “o nosso grande romancista negro” (QUILOMBO, 1948: p. 2). A percepção pedagógica de citar intelectuais negros em várias áreas do conhecimento e difundir suas obras, era um dos objetivos do periódico. No entanto, é necessário salientar o fato da importância da racialização de personagens que ainda hoje, se não evidenciarmos nas aulas de História, muitos alunos não sabem que se tratava de mulheres e homens negros. Vide o caso de 2011, quando a Caixa Econômica Federal – instituição criada a partir da história da população negra alforriada – divulgou uma propaganda sobre o escritor Machado de Assis representado como um homem branco⁸ Por isso, entendemos que destacar a questão racial destas personalidades, principalmente no contexto das décadas de 1940 e 1950, não se tratava de obviedade.

Neste item, buscamos apresentar algumas das possibilidades de interpretação sobre a questão da educação nas páginas do “Quilombo”. Embora o recorte deste artigo, seja sobre a trajetória de Abdias Nascimento, é fundamental estudá-lo a partir de sua inserção no movimento negro brasileiro, pois, suas ideias não foram construídas apenas de maneira individual, mas sobretudo, a partir de experiências coletivas de luta.

5. Considerações Finais

Neste texto buscamos evidenciar como o jornal “Quilombo” pode ser compreendido enquanto fonte para a História em busca de refletir sobre a luta pela educação do movimento negro no Brasil, a partir da trajetória de Abdias Nascimento. Por se tratar de um periódico que possui mais de cem páginas em suas dez edições, não foi possível esgotarmos o tema em questão. No entanto, acreditamos que a preocupação do intelectual em organizar um acervo tão rico e vasto, deve continuar sendo explorado para a elaboração de pesquisas, artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses.

Em sua última edição, não há qualquer indício de que o jornal não continuaria a ser publicado. No entanto, ao ler a biografia de Abdias Nascimento (2014) constatamos que a dificuldade de manutenção do periódico foi o principal fator que fez com que suas tiragens fossem interrompidas.

Ao estudarmos a luta do movimento negro em combater o racismo na sociedade brasileira a partir da educação em ambientes formais e informais, a imprensa negra foi um objeto

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2011/09/caixa-tira-do-ar-propaganda-que-mostra-machado-de-assis-branco.html> Acesso em: 19 de jan. 2023.

imprescindível. Bastide (1973) discutiu tal percepção definindo o papel político desses jornais, enfatizando que não aceitavam as teorias envolvendo o complexo de inferioridade racial. Além das situações cotidianas brasileiras, estes periódicos estabeleciam relações com países africanos, como é o caso do “Quilombo”, de modo a disputar a memória de como eram retratados, propondo um caráter não apenas informativo, mas de letramento racial da população.

Por fim, é sugestivo pensar que muitas das problemáticas que norteiam o jornal, encontram-se em evidência em nossa sociedade. Por isso, torna-se fundamental revisitarmos a teoria de ação social do quilombismo de Abdias Nascimento de modo a pensar o que podemos avançar em tais reflexões e práticas por uma sociedade antirracista em que a educação seja um dos pilares dessa transformação.

Referências

- BARBOSA, Muryatan S. Pan-africanismo: unidade e diversidade de um ideal na *Présence Africaine* (1956-63). *XXVIII Simpósio Nacional de História: Luas dos historiadores velhos e novos desafios. Anais*. Florianópolis: UFSC, 27 a 31 jul. de 2015, p.1-23. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427824102_ARQUIVO_Pan-Africanismo-MSB.pdf. Acesso em: 01 jul. 2023.
- BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*. Niterói, v. 12, n. 23, p.100-122, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 jul. 2023.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento da Negritude: uma breve reconstrução histórica. *Mediações – Revista de Ciências Sociais*. Londrina, v. 10, n.1, p. 25-40, jan/jun. 2005. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/2137>. Acesso em: 01 jul. 2023.
- DU BOIS, W. E. B. *As almas do povo negro*. São Paulo: Veneta, 2021.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: UBU, 2023.
- FONSECA, Marcus V., A população negra no ensino e na pesquisa em história da educação no Brasil. In: FONSECA, Marcus V., BARROS, Surya A. P. de. (orgs.) *A história da educação dos negros no Brasil*. Niterói: EdUFF, 2016. p. 23-50.

- GOMES, Flávio. *Mocambos e quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. São Paulo: Claro Enigma, 2015.
- GOMES, Flávio dos S.; LAURIANO, Jaime, SCHWARCZ, Lilia M.; *Enciclopédia Negra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*, v. 2 – Antonio Gramsci: os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Ed. e trad. de Carlos N, Coutinho. Coed. de Luiz S. Henriques e Marco A. Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- HARRIS, Joseph., ZEGHIDOUR, Slimane. A África e a diáspora negra. In: MAZRUI, Ali., WONDJI, Christophe (org). *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010. p. 861- 884.
- IPEAFRO, *Personalidades*. Disponível em: <https://ipeafro.org.br/personalidades/abdias-nascimento/> Acesso em: 18 jan. 2024.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 2. ed. Brasília / Rio de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor, 2002, p. 269-274.
- NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- NASCIMENTO, Abdias. *Homenagem a Zumbi dos Palmares*. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/pronunciamentos/-/p/pronunciamento/234194> Acesso em: 18 dez. 2023.
- NASCIMENTO, Elisa L. *Abdias Nascimento: grandes vultos que honraram o senado*. Brasília: Senado Federal, 2014.
- NASCIMENTO, Elisa L. O movimento social afro-brasileiro no século XX: um esboço sucinto. In: NASCIMENTO, Elisa L. (org.) *Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2014. p.80 -144.
- SILVA, Petronilha B. G. Reconhecimento da história, cultura e direitos dos negros brasileiros. In: COELHO, Wilma de Nazaré B.; OLIVEIRA, Julvan Moreira (org.) *Estudos sobre relações étnico-raciais e educação no Brasil*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016. p. 17- 49.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

Fontes:

QUILOMBO: VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, dez. 1948, 8 p.

QUILOMBO: VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO. Rio de Janeiro, ano I, n. 3, jun. 1949, 12 p.

QUILOMBO: VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO. Rio de Janeiro, ano I, n. 4, jul. 1949, 12 p.

QUILOMBO: VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO. Rio de Janeiro, ano II, n. 9, fev. 1950, 12 p.

QUILOMBO: VIDA, PROBLEMAS E ASPIRAÇÕES DO NEGRO. Rio de Janeiro, ano II, n. 10, junho-julho. 1950, 12 p.

Sobre os autores:

Joselene Ieda dos Santos Lopes de Carvalho: Professora do Departamento de História, Instituto de Geografia, História e Documentação (IGHD), Campus de Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em História (PPGHis/UFMT). Ministra as disciplinas História da África e História e cultura afro-brasileira e indígena. Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2013) e mestrado em História, Poder e Práticas Sociais pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2016) e doutorado (2020) sobre a imigração haitiana no Brasil. Coordena o projeto de extensão "Sankofa: cultura afro e afro-brasileira em Mato Grosso". Participo do grupo de pesquisa: "Trilhas: migrações, fronteiras e gênero". Temas de interesse são: história da África; história do movimento negro no Brasil; Imigração haitiana; Diáspora; Ensino de História; Educação das Relações Étnico-raciais.

*Texto retirado do perfil Lattes

Artigo recebido para publicação em: 28 de janeiro de 2024.

Artigo aprovado para publicação em: 27 de maio de 2024.

Como citar:

CARVALHO, Joselene Ieda dos Santos Lopes de. A luta antirracista de Abdias Nascimento a partir do jornal Quilombo (1948-1950): reflexões sobre o movimento negro e educação. *Revista Transversos*. Dossiê: Intelectuais, movimento negro e antirracismo no século XX. Rio de Janeiro, n.º. 30, 2024. pp. 79-97. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/81467>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2024.81467

